



PORTE
P A G O

24 DE FEVEREIRO DE 1977 — ANO XII SÉRIE II — N.º 168

ASSINATURA ANUAL (52 Números) 150\$00 — NÚMERO AVULSO 3\$00

ESTRANGEIRO (pagamento adiantado): via normal, 384\$00; por avião, 440\$00. ESPANHA, ÁFRICA (ex-portuguesa) e BRASIL, 254\$00.

FUNDADO POR JOÃO AMÂNDIO
SEMÁRIO — AVENÇA

Tirania e pensamento

Um famoso escritor francês legou-nos esta bela síntese de vida: «É preciso viver como pensamos, se não queremos pensar como vivemos».

Tal afirmação é o registo da seguinte realidade: a influência do ambiente sobre o pensamento.

Os ditadores, porém, não se contentam com a criação de um ambiente que favoreça a política que desejam impor. Vão mais longe: adulam, inicialmente, a inteligência para que esta os sirva na sua pessoa ou nos seus intentos; silencia-a, se lhe não convém; e persegue-a se se lhe opõe.

Há uma constante na história dos ditadores que lhes exige estes processos: é a manutenção do poder, sem reacção da opinião pública, se for possível.

O ditador gosta de se julgar apoiado pela opinião pública.

Foi assim que entre nós essa inteligência menos que mediocre de Vasco Gonçalves teve a ousadia de num congresso de escritores (!!) pedir-lhes que apoiassem a revolução. E isto em vez de lhes pedir que fossem, antes e acima de tudo, escritores. E só escritores.

É que um escritor, que o seja de verdade, é um construtor de realidades, é um despertador de consciências, é um arauto de grandezas, é uma saudade das glórias do passado, é alma e coração da própria humanidade.

Apesar de todos os ditadores serem inimigos da inteligência discordante, há, entre eles, diferença de composição.

Antes e depois de 1917 — o ano da revolução comunista — havia, e há, discordância entre a «inteligência» e os ditadores. Com esta diferença: um czar como Nicolau I, o «gendarme da Europa», nunca pretendeu que os escritores cantassem as excelências do czarismo. Limitava-se a evitar que o criticassem, e agora exigem a colaboração com o sistema soviético.

Não há muito a Academia ou Congresso dos Escritores

(Continua na 2.ª pág.)

Os piores cegos são aqueles que não querem ver

É confuso o momento que passa, embora os «homens dos partidos», vão tentando esclarecer o porquê de tal nebulosidade. Parece-nos que tais explicações só servem para aumentar a confusão.

Lembra-nos o que se conta sobre a manelra como o «clerone» de uma exposição de quadros, iludava os visitantes. Dizia: «Vê estes quatro quadros? Representam os sete pecados mortais — Fé, Esperança e Caridade!!!

Ora será como quem diria: «Vê estas quatro reivindicações, representam os sete melhoramentos para o povo: ódios, repressão e miséria e de tais esclarecimentos, nós não percebemos nada!

Em boa verdade, não faz sentido

que neste País onde há tanta falta de paz, de calma, de trabalho sério e de juízo, continuemos a perseguir os pseudos fascistas, burgueses, etc., etc., e que não acabe de uma vez para sempre a invocação da «tal pesada herança», como causa de males que não existiam e foram criados depois do afastamento dos tais chamados fascistas!

É preciso que, acima de todos os ódios, como o sol acima de todas as montanhas, se ponha a serena justiça da verdade.

Não façamos como o Dr. Alvaro Cunhal, que chamou à Rússia, O SOL da Europa, considerando talvez que, como os astros de primeira grandeza e soberbo fulgor,

tinha a sua imensa órbita de atracção, e, em volta de si, apenas giravam satélites! É que, na verdade, não é assim, nem levará certamente tal caminho, apesar de tudo.

Torna-se imprescindível partir certos discos gravados nas fábricas comunistas e assinalados com os punhos cerrados e gestos de agressão com uma foice e um martelo, que eles intitulam de «Reforma Agrária, Nacionalizações, conquistas dos trabalhadores, gestões, auto gestões e, talvez congestões, cerebrais principalmente: trabalho de todos muito a sério — para que tudo se faça em boa ordem no sentido do progresso do País que é

(Continua na 2.ª pág.)

Concórdia entre Portugueses?

QUANDO? COMO?

Vários têm sido os apelos de membros do governo e do Presidente da República, visando uma necessária e patriótica concórdia da família portuguesa.

Os caminhos dúbios da revolução dos cravos, tantas vezes já negada nos seus propósitos, conduziram os portugueses, no seu maior número, a bem compreensível desconfiança, pois sempre o oportunismo, o golpismo, patrocinados por um Aréopago de incompetentes, teimou em levar este país à ruína e ao caos.

Teimou e muito conseguiu.

Destruuiu-se fisicamente um país, na sua economia, no seu parque industrial, nas suas hierarquias mais válidas, na sua unidade e na sua História.

A corja de incompetentes que se apropriou da administração pública e gerência de empresas e das quais ainda não saiu em grande parte, prossegue a sua premeditada acção de anarquia e destruição.

Como e quando a concórdia entre portugueses?

Angola, Moçambique e Guiné, foram entregues à sede insaciável de ditaduras intolerantes e desumanas. Esvaem-se num mar de sangue, de pavor e de medo.

S. Tomé e Cabo Verde, que tiveram os portugueses como primeiros habitantes, são entregues, a quem depois de nós lá chegou, numa ignorância profunda da História, que faz tremer de pavor os mais honrados cidadãos de Atenas!

Já não há lugar neste país, para acusar de traidor a Miguel Vasconcelos. Já há novos «heróis» na perfídia, que envergonharam os portugueses do Príncipe, de Maquiavel.

Mas a perfídia ainda foi mais longe! Todos os portugueses puderam ouvir a voz cavernosa de um irresponsável, aliciar a denúncia, defendendo-se, nesse famigerado discurso, de qualquer pedido de responsabilidade.

Os vermes deste país puderam denunciar e denunciaram. Houve prisões por ódio pessoal, por vinganças mesquinhas. Foi a hora alta dos oportunistas, dos incompetentes.

Como e quando a concórdia entre portugueses?

Já com o chamado período de terror a passar à História, estão a vir a público documentos que demonstram à saciedade o volume e gravidade de sevícias, de prisões sem culpa formada, de saneamentos injustos ou de saneamentos que, pedidos por monstruosos delatores, não tiveram a consumação desejada.

Estão a chegar, às mãos dos denunciados, ilibados de culpa os despachos de saneamento que têm de servir de ponto de partida para a responsabilização dos denunciantes, através de julgamentos que tenham a maior cobertura dos órgãos de informação, como exemplo à posteridade de que uma sociedade democrática não comporta falsos delatores, denunciadores, ou oportunistas.

De aldeia em aldeia, até à capital, são por demasia conhecidos os denunciadores, muitos dos quais ocuparam lugares de responsabilidade política no anterior regime.

(Continua na 5.ª pág.)

PRECISAM-SE OBRAS

Em torno dos problemas económicos nacionais anda-se em festim folclórico.

Assim o Partido Comunista Português dança e bate palmas, quando se refere às conquistas alcançadas. nacionalizações, controle operário, reforma agrária, e «amplas liberdades».

O Partido Socialista no Governo denuncia, mas só em relação a um sector, o descalabro económico da Imprensa estatizada, e anuncia medidas de correcção.

Há, no entanto, empresas estatizadas a quem o Governo responde com as garantias da propriedade privada, mas não age nem jurídica nem praticamente.

Assim J. Pimenta fez as seguintes afirmações a respeito da sua empresa:

— A empresa tem um passivo de 700 milhões de escudos;

— O desequilíbrio da empresa começou em 3 de Março de 1975, quando foi intervenida ilegalmente, data em que nomearam uma «administração ruínosa» coadjuvada

por uma comissão de trabalhadores, cujo objectivo de destruição de uma obra de tanto Interesse nacional é por demais evidente.

— «Só os estaleiros de Talaide, construídos pela administração anterior, tem uma área fabril superior a 200.00 m², sendo considerados os mais modernos do género

da Península Ibérica, e estão no activo das empresas apenas por 60 milhões de escudos, quando o seu valor real não é inferior a 500 milhões de escudos;

— Os investidores e a administração que antecedeu o 3 de Março

(Continua na 3.ª pág.)

Estamos gratos a Álvaro Cunhal...

No regresso de Itália, onde manteve diálogo com os «camaradas», Álvaro Cunhal ouviu de um membro dos órgãos de informação social esta pergunta: Mário Soares formulou votos por que o Sr. aprendesse algo de «eurocomunismo» na Itália. Que tem a dizer?

Álvaro Cunhal não sendo totalmente franco, disse o suficiente. Para ele o «eurocomunismo» é a forma de o comunismo lutar nos países «capitalistas».

Como em Portugal não há capitalismo, mantém-se fora do «eurocomunismo» e mais unido a Moscovo.

Sabíamos que o «eurocomunismo» era uma «táctica» do comunismo para alcançar o poder.

Não esperávamos, no entanto, essa franqueza por parte de Álvaro Cunhal...

(Continua na 6.ª pág.)

Tiranía e pensamento

(Continuação da 1.ª pág.)

Russos levou ao Comité Central acordos de protesto contra o «imperialismo» dos Estados Unidos, contra Israel, e de fidelidade ao Partido Comunista Soviético, e ainda, a promessa de participação cada vez mais activa «na construção de uma nova sociedade e de um novo homem».

A tirania moderna não se limita a coarctar a liberdade de pensamento; quer por o pensamento ao seu serviço.

Dá-se um fenómeno parecido no tratamento com os adversários políticos.

Com Staline foram milhões e milhões os que Ele eliminou da cena política, social ou militar, para impor o stalinismo. Jamais recuou diante do sangue e da morte.

Cruchev seguiu-lhe as pisadas, embora tentasse a coexistência.

Haja em vista que o primeiro acto para se assenhorear das rédeas do Kremlin foi o abate de Beria...

Como tais processos obstavam à aceitação da coexistência pacífica, Moscovo começou a utilizar outros métodos, desde a cura psiquiátrica até à concessão de passaporte para o exílio.

Com a cura psiquiátrica pretendem obter as adesões dos «contestatários» ou apresentá-los como loucos, e, portanto, como irresponsáveis. Preferem obter adeptos, embora forçados, a criar mártires.

Com as autorizações para saírem do país visam dois objectivos: facilitar a coexistência, apresentando os exilados como expressão de liberdade de pensamento, e evitar a repercussão das críticas da inteligência na opinião pública soviética.

São meios para comprovar o que afirmamos: a tirania moderna não se limita a coarctar a liberdade do pensamento, quer por o pensamento ao seu serviço.

A inteligência autêntica é expressão do nível de um povo, da vida política do mesmo, e da cultura nacional.

Recordamo-nos bem de um debate entre dois intelectuais no fim da última guerra. O soviético acusava a França de não ter intelectuais, para desta maneira condenar a democracia, como sistema, por não permitir a criação intelectual.

Um académico francês respondeu-lhe em fundo do «Figaro», e enumerou os intelectuais franceses de então, ao mesmo tempo que desafiava o russo a que fizesse o mesmo. E justificava a riqueza qualitativa e numérica da «inteligência» francesa por a França ser precisamente uma verdadeira democracia.

Entre nós proliferaram os escritores e músicos revolucionários, durante o regime salazarista, cuja audiência lhes advinha do factor político e não do literário, ou artístico como o demonstram as realidades literárias pós-25 de Abril, em que os grandes de hoje eram os maiores de então: um Miguel Torga e um Fernando Namora.

Os que serviram a revolta contra o regime em vez de servirem a inteligência e, portanto, as letras, deambulam nas ruas de Lisboa, pois morreram nos escaparates das livrarias.

Nota curiosa esta: na Rússia, foram muito grandes os escritores do período czarista, e são-no, hoje, os do período comunista, os que não sujeitaram a inteligência ao serviço do sistema, e não a limitaram às fronteiras nacionais.

A inteligência autêntica é uma força que a tirania não domina e que as fronteiras não detêm. Ela é universal e quase eterna. Vence, pois, as distâncias e o tempo. E o tirano sabe que nem o tempo nem o espaço o favorecem.

J. N.

LIVROS NOVOS

Generalidades sobre o alcoolismo, Sociedade Anti-alcoólica Portuguesa

A campanha desenvolvida contra o alcoolismo recomenda à leitura deste volume, pois é óbvia a sua importância e necessidade.

O alcoolismo tornou-se verdadeiro flagelo nacional: é o 3.º causador de morte entre nós. De resto, os malefícios são muitos, além da morte precoce: famílias na miséria, chefe de família abjecto, etc., etc.

No volume encara-se a possibilidade de entrega do doente ao médico ou ao psiquiatra, conforme as circunstâncias. Ensina-se, também, como prevenir o flagelo afim de o sequências advindas desse malefício evitar. Enumera as terríveis consequências sociais. Aponta os remédios. Educadores e responsáveis de-

vem ler estas páginas, oportunas e claras, deste modo se prevenindo um dos maiores flagelos dos nossos dias.

CASA

Família estrangeira pretende alugar, em Braga, moradia ou andar, se possível, com jardim / quintal e garagem, por um período de três anos.

Pretende-se que tenha sala comum / jantar, 3 quartos, etc.

Resposta a: Grundig Electrónica Portugal, Lda.

Telef.: 25081 — Extensão 318 / BRAGA

Sabia?

Cunhal: «Eurocomunismo?... Que ideia... De modo nenhum: nós vamos mais adiantados. Estamos em banca rota...»

Ainda não estamos em banca rota, mas quase...

Cunhal à chegada de Roma, onde se avistou com os marechais do partido irmão, Interrogado sobre se o PC seria ou não permeável ao eurocomunismo, respondeu, hilarante, mais ou menos isto: «Que ideia! O eurocomunismo é para países onde os monopólios, o capitalismo em que todos esses senhores, ainda dominam. Ora nós demos cabo disso tudo. Nem temos monopólios. Nacionalizamos a banca. Fizemos a Reforma Agrária... Ser eurocomunista era voltar para trás.

Quer dizer: os eurocomunistas aceitam o jogo democrático. Ao menos para já e em promessa. Aceitam, portanto, tudo quanto em democracia o povo escolher. Portanto banca privada, empresas privadas, iniciativa privada. Porque assim é, o ocidente está próspero, apesar do desemprego e dos discursos fúnebres que os comunistas e filocomunistas todos os dias lhes fazem...

Nós, como já estamos muito mais avançados, estamos a chegar à banca rota. Quanto à Ladrãoagem Agrária, é o que se sabe... Quanto às nacionalizações, é o caos...

«Anos difíceis nos esperam», Mário Soares. Discursando em Alhandra, o Primeiro Ministro disse:

«Vamos ter anos difíceis. «Torna-se imprescindível que os portugueses se unam num projecto, e este não poderá subsistir sem trabalho» — asseverou: — «É preciso que o País se galvanize. Os portugueses têm de fazer em Por-

tugal aquilo que fizeram quando foi necessário emigrar e que os levou a ser cotados como «bons trabalhadores». É este o pacto que propo-

no». Mas, Sr. Presidente, o governo tem de dar uma ajudinha, que é só isto: criar as condições de trabalho e de prosperidade que há lá fora, no ocidente. Enquanto por cá se fizerem greves por tudo e por nada; enquanto as relações patronato/trabalhador forem de cão/gato; enquanto a iniciativa particular não souber com clareza qual o seu lugar no futuro do país, não pense que haja bons trabalhadores em Portugal...

Afogada em dívidas, se a empresa se enterrar mais, salva-se!...

É essa a teoria de alguns trabalhadores, enganados por especialistas da subversão, após o 25 de Abril...

Salários utópicos, greves sucessivas, absentismo de emprego dando baixa à Previdência... O regabofe.

Só que a verdade vem sempre

ao de cima, e, quando vem, é à hora das lágrimas.

Muitos assim fizeram e, agora, nem estado, nem banca, lhes resolvem o problema.


É o caso da LUFAP, filial do Porto: 60 empregados, a quem a empresa deve 800 contos de salários, desde a 2.ª quinzena de Novembro. Há 3 meses.

Numa reunião em Lisboa, no MT entre a administração e os sindicatos, foram informados de que, dos 5 mil contos entregues pela banca, já só restavam mil para pagar salários. Mas os trabalhadores do Porto nada receberam.

E agora? O desemprego. Segundo eles, a administração estaria disposta a fechar a filial do Porto e a construir uma nova fábrica em Coimbra. Ora eles — os trabalhadores — entendem que, se a empresa reapetrechar a fábrica mecanizando-a — todo o trabalho é manual... — e meter mais empregados, ela safa-se.

Remédio santo, como vêem: afogada em dívidas, a melhor forma de salvar a empresa é afogá-la

(Continua na 4.ª pág.)



LIVRARIA PAX

LIVROS . IMPRESSOS . POSTERS . GRAVURAS . DISCOS
NOVIDADES

REPARAÇÃO E LIMPEZA DE MAQUINAS DE ESCREVER,
REGISTADORAS, CONTABILIDADE, ETC.

SECÇÃO INFANTIL:
MODERNO SORTIDO DE JOGOS DIDACTICOS E EDUCATIVOS .
CONSTRUÇÕES . LIVROS . DISCOS . BRINQUEDOS . NOVIDADES

TIPOGRAFIA — ENCADERNAÇÃO

UMA ORGANIZAÇÃO RENOVADA AO SERVIÇO DA CULTURA

Rua do Souto, 75 — Telefone PPC 22604 — BRAGA

Os piores cegos são aqueles que não querem ver

(Continuação da 1.ª pág.)

o interesse nacional. Este sim, este é que é o verdadeiro interesse dos trabalhadores e que seriam as verdadeiras conquistas do povo Português.

Para isso, faça-se a Reforma Agrária, para aproveitamento de todos os terrenos incultos, mas que não seja de modo algum unicamente a troca de latifundiários por adeptos de partidos políticos, para governarem unicamente o seu barco.

Façam-se as nacionalizações justas, para que as empresas que podem dar rendimento, apresentem resultados positivos, mas não para

politicamente transformar empresas com enormes lucros, em meios de tremendos prejuízos para a Nação.

Há empresas onde, ilicitamente se trabalha na sombra e por meios de habilidade se forjam prejuízos com fins designados? Nomeie o Governo, não os partidos políticos, uma comissão qualificada, de fiscalização rigorosa, para apuramento de responsabilidades e consequente punição. Deste modo, sim, dar-se-ia remédio ao que estivesse doente e quem ganhava era a Nação, que lograria melhor saúde.

Tal como se vem fazendo, é o mesmo que encarregar um leigo de cantar missa, ou um deficiente mental de tratar uma doença grave e muito complicada. Não, assim a «coisa» não vai. É escusado perder tempo.

Ora nós entendemos que onde não houver latifundiários nem más administrações de empresas, não há doentes a precisar de tratamento, logo estes deveriam ser deixados em paz, como incitamento para fazer mais e melhor. Seria uma injustiça e um estímulo que muito contribuiria para o desenvolvimento da economia nacional e progresso da indústria, comércio e agricultura.

Não haveria tentações para dar fuga a capitais para países estrangeiros, o qual, muito sensatamente seria investido no nosso País, como é de inteira e patriótica razão.

Avaliamos por nós a situação dos homens, senhores do capital. Nós não temos capital, mas, se o tivéssemos, embora de modo algum procurássemos maneira de o transferir para o estrangeiro, também o não empregariamos em meios de trabalho, com a situação em que vivemos. Por outro lado, com o estímulo e garantia acima referidos, então, sim senhor, teríamos muito gosto e consideraríamos um dever, empregar o capital em meios de produção, não só para colher o rendimento, mas com maloria de razão, para concorrer para o engrandecimento da Nação.

É tão fácil compreender isto, que não acreditamos que haja alguém que não veja as coisas por este prisma, e, então, não há dúvida de que os piores cegos são aqueles que não querem ver, e de tal cegueira nos livre Deus, pelo grande mal que causa à humanidade.

«Viageiro»

TRIBUNA LIVRE

As nótuas bairradinas e os vexatórios contrapontos do código!

por M. Castelão

1. Já vimos um pouco tarde, para a nossa luta contra o abusivo e iníquo imposto de Trabalho, cobrado ainda por algumas Câmaras do País, Outras, já antes do 25 de Abril, o baniram por indecente e má figura. No Cávado, de 4-11-76, já víamos chamado a atenção daquelas Câmaras, entre elas a de Anadia e Cantanhede, bem como o próprio M. da Ad. Interna, em carta de Setembro, 76!

Claro, palavras loucas, orelhas moucas! Já vamos em meados de Fevereiro de 77, e verifica-se que da Tesouraria da Câmara de Anadia, já saíram os respectivos avisos... e avisar o pagamento do «vexatório imposto», até fins de Março, por tanto a perfilhar a herança capitalista, com certeza, por quem se batem... a valer! O resto são lérias gratuitas!...

2. Ora a luta a favor dos chefes de família rurais, abrangidos pela comitiva de artigos e parágrafos do ultrapassado Código Administrativo de 36/37, deve pertencer também às Comissões de Moradorias, em face de muitas arbitrariedades cometidas em cúmulo, pelos novos ditadores que se alcunham de democráticos em contradição! Por outro lado, as novas Câmaras empossadas em Janeiro último, tem o dever de reflectir e rever aquela obra do Código feita nos joelhos... pois não passa de um autêntico explorador dos rurais estranhos a outro concelho. Foi um aborto da própria imaginação dos seus gestores! Mal empregado pão!...

3. Desta vez, ainda ficam outros comentários à espera! O problema tem bases para se impor! Cá de longe já vimos que muitos... poucos se entretêm com as bombas por ser um officio leve! Pois é... O que se deseja, à margem do bem colectivo, são bons passelos culturais, bons negócios e fim de cada mês com todas as benesses! Mas nem todos lêem pela mesma cartilhal! Vejamos este contraponto! Segundo nos consta, o filho do autor daquele Código, que é presidente de Câmara, é de opinião que aquele imposto seja entregue às respectivas juntas, pois são estas quem mais precisa de fazer morcelas... mas com sangue! Muito bem, e pensamos que é ideia fundamental.

4. A propósito de Códigos, recordamos a recente preocupação de Almeida Santos, com a vaga do

crescimento das liberdades criminosas... que o levou a nomear comissões para rever e reformar os velhos Códigos Penais... e as alterações feitas por Zenha com a sua ampla amnistia popular!...

Se calhar para limitar as liberdades dos jovens... se para estes, nem são precisas tantas leis ou Códigos, basta apelar para a humanidade humana, dos Direitos do homem... como dizia o saudoso Zé Augusto.

De resto, a viola quer-se nas mãos do tocador!... E de facto está e faz lembrar as serenatas...

5. Ora cá temos a batata de semente, chegada agora mesmo da Cooperativa de Cantanhede (ex-Grémio) a 1100\$00 por saco... fora o frete, pago por nós!

Ao passo que o comerciante as vende a 1080\$00 no seu armazém... bem como outras qualidades mais em conta e sem exigências de dinheiro e de frete.

Realmente... realmente... os agricultores calram bem no laço... porque as ordens do governo foram impestivas, como de costume. Assim, as Cooperativas, bem podem limpar as mãos à parede.

(Continua na 7.ª pág.)

As Misericórdias

requerem revisão de processos e de legislação

Na última reunião das Misericórdias em Guimarães, além de estudos e reflexões em conjunto, os presentes tomaram conhecimento do que foi oficialmente apresentado ao Ministério dos Assuntos Sociais, em que se pede o seguinte:

Quanto a Legislação

1. Revogação do disposto no artigo 433 do Código Administrativo, por não respeitar a natureza canónica das Irmandades da Misericórdia, e pelo hibridismo e césaropapismo de que enferma essencialmente.

2. Revogação do disposto no artigo 108 do decreto-lei 35 108 de 7 de Novembro de 1945, por, ditatorial e gratuitamente, pretender separar as Misericórdias das respectivas Irmandades, quando se trata de uma só e mesma realidade.

3. Revisão dos decretos-lei 413/71, de 27 de Setembro, 351/72, de 8 de Setembro, 704/74 de 7 de Dezembro e 613/75, de 11 de Novembro, pois todos eles foram e são fontes de graves atentados contra as Santas Casas da Misericórdia e desrespeitam os artigos 3 e 4 da Concordata.

4. Que aos legítimos membros das Irmandades não seja posto qualquer entrave para conduzirem a vida da sua colectividade e lhes seja respeitado o direito de reforma dos seus estatutos ou compromisso, como bem entenderem.

Quanto aos Hospitais

No desejo da melhor e maior colaboração que sempre foi apatrimónio das Misericórdias Portuguesas, propomos, em relação ao contencioso dos hospitais o seguinte plano:

a) Que, sem prejuízo do Serviço Nacional de saúde que o Estado pretende levar a cabo em todo o território, não sejam as Misericórdias impossibilitadas de continuarem a exercer, sempre que queiram e possam, a assistência na doença.

Se entidades particulares continuam a dirigir casas de saúde e clínicas próprias, porque não as Misericórdias, que sempre se dedicaram a este ramo assistencial, mais e melhor do que ninguém?

b) Que a usufruição por parte do Estado dos edifícios e equipamentos hospitalares, propriedade

das Santas Casas, seja, quanto antes, legalizada, mediante negociações bilaterais.

A União das Misericórdias Portuguesas, através do seu Secretariado, está apta a servir de mediadora.

Parecem-nos possíveis diversos tipos de negociações, desde o comodato à compra-venda, e desde o arrendamento à devolução pura e simples.

O que não pode é prolongar-se mais a situação presente, porque é injusta e escandalosa. Se o Governo actual condena as ocupações selvagens, próprias de uma época que já passou, não está certo que continue ele a sancionar essas situações, quanto aos hospitais das Misericórdias.

c) Depois, as Misericórdias com as verbas dos possíveis arrendamentos ou mesmo venda dos seus edifícios hospitalares poderão

dedicar-se, mais e melhor, à prática das outras obras beneficentes que lhes são próprias, e de que quase todos os meios populacionais tanto carecem, como por exemplo, creches, centros de dia para a 3.ª idade, lares para idosos, centros para deficientes incuráveis, etc.

Quanto a Nacionalizações

No que respeita a bens atingidos pelas leis das nacionalizações de propriedades rurais, títulos bancários, etc., — certamente que o Governo não quererá tratar as Misericórdias, que foram, são e sempre serão o refúgio dos mais marginalizados da sociedade, como se fossem capitalistas exploradores do povo. Seria o cúmulo da injustiça.

É, pois, de esperar que tais casos, e há bastantes, sejam devidamente estudados e resolvidos sem demora.

O impossível acontece...

Grevistas tem prisão perpétua no Egipto...

Vai ser plebiscitada no Egipto uma nova lei que pune com prisão perpétua em campos de trabalhos os que participem em manifestações ou graves.

A lei veio após os acontecimentos de 18 e 19 de Janeiro, que Sadat descreveu como «levantes de ladrões» liderados pelos comunistas.

Falando à TV, Sadat garantiu aos egípcios: «Prometo-lhes que o que aconteceu jamais ocorrerá novamente».

Estes políticos falam do futuro com uma segurança que atinge o delírio. E, então, brincando com a fome...

Já apareceu um!

Dissemos, há dias, que recebíamos dinheiro da RDP 2.700 trabalhado-

res (!) mas só trabalham de facto 2.300. Portanto 400 recebem sem trabalhar.

Acaba de aparecer um... Ficam, portanto, 399 a receber sem trabalhar.

Segundo Amalrik, 3 milhões de russos são perseguidos

Ainda de «O Globo», 5-2-77.

«Copenhague (O Globo) — Um por cento da população da União Soviética (cerca de três milhões de pessoas) sofre alguma forma de perseguição, denunciou ontem o historiador e dissidente Andrei Amalrik, actualmente vivendo na Holanda.

Amalrik, que foi expulso da URSS, fez a denúncia numa reunião do «Tribunal Sakharov», organização

internacional criada para controlar o respeito aos direitos humanos na URSS. Também prestou depoimento na sessão de ontem no escritor dissidente Evgueni Vagin.

Segundo Amalrik, mais de dez mil pessoas foram condenadas à prisão na União Soviética por suas opiniões políticas. Ele e Vagin fizeram uma apelo aos Governos ocidentais para que exijam da URSS completo respeito ao acordo de Helsínquia sobre a livre circulação de homens e ideias. No próximo mês de Junho, em Belgrado, os signatários deste acordo se reunirão para examinar os resultados obtidos.

Durante seu depoimento, Amalrik e Vagin (que cumpriu pena de oito anos na URSS) disseram duvidar da real autonomia dos partidos comunistas europeus em rela-

(Continua na 7.ª pág.)

PRECISAM-SE OBRAS...

(Continuação da 1.ª pág.)

de 1975 pediram, por diversas vezes, inquérito aos desmandos praticados pela comissão administrativa e de trabalhadores, pediram, ainda que fossem feitas peritagens e avaliações «com base na data de 2 de Março de 1975» e «até à data, não foi dada qualquer resposta».

— Andam os pequenos e médios

accionistas das empresas estatizadas, a exigir os seus legítimos direitos, e o governo nem responde, pelo que apelaram para o Presidente da República;

— Os direitos dos latifundiários ainda não foram devidamente respeitados.

É tempo de responder a tudo isto com obras.

Basta de palavras...

Sabia?...

(Continuação da 2.ª pág.) 13 e 14 por cento, respectivamente ainda mais em despesas. Mas, sobretudo, meter mais gente... Sobretudo isso. E meter mais gente, apesar de mecanizada... Neste caso, a máquina aumentaria o pessoal, coisa que nunca se viu... Assim vos puseram, amigos, agora safa-vos...

Ainda há palermas que se afoitam a ser tidos como tais!

O estado resolveu acabar com as empresas intervencionadas. Por isso ou se constituem empresas de capital misto, ou cooperativas, ou são entregues aos proprietários, se eles quiserem arcar com as dívidas e demais encargos.

Serão entregues aos proprietários Noreta, Sturbe, Urbaco, Mampri e Construções Técnicas. Trata-se, como se vê, de empresas de construção civil. J. Pimenta, A. C. e Xavier de Lima passam a empresas públicas.

Cuanzas falsos devoram... Cuanzas...

Como os crocodilos. De resto estamos em África, onde eles abundam.

Estão a entrar em Angola milhões de cuanzas falsos, fabricados no Norte de África.

Quem com ferro mata a ferro morre. O cuanza apareceu para matar os angolares, deixando na miséria milhares e milhares de desalojados. Agora os novos cuanzas matam os outros, os que destruíram os angolares...

Já podem gastar à vontade em automóveis...

Os encargos a cobrar ao comprador englobam três taxas, de 12,

conforme o prazo de venda a prestações atinge, um, dois ou mais de dois anos.

Por sua vez, o desembolso inicial passa a ser de 35 por cento do valor total do veículo para os de preço que vá até aos 200 contos; de 50 por cento para os veículos entre os 200 e os 300 contos; e de 100 por cento para os de mais de 300 contos. Isto para os automóveis ligeiros de passageiros. Para os automóveis ligeiros mistos de passageiros e carga é de 30 por cento, e para os automóveis ligeiros para transportes públicos, táxis, e carros de aluguer ou similares, de 10 por cento. O número de meses das prestações é, entretanto, fixado em 24 e 18, para os dois primeiros carros e 24 e 36 para os dois últimos.

Rodoviário, ali para os lados de Guimarães: «Ó Diabo, este mês só ganhei 18 contos!...»

Verdade? Mentira? Que interessa? A anedota é, de per si, uma espécie de verdade: fala à sua maneira.

Trabalhadores sentem-se preocupados com as últimas decisões do governo em limitar aumentos salariais e remunerações complementares. Daí que tenham publicado manifesto e tenham reunido para o efeito — sobretudo os da Cintura Industrial. Pois quem havia de ser?

Os pontos controvertidos por eles os seguintes: o decreto-lei de 31-12-76.

Assim, é vedado afectar à actualização da tabela de remunerações mínimas, montante global superior a 15 por cento do total de remunerações de base efectivas

praticadas no sector; a remuneração mensal efectiva auferida em 31 de Dezembro de 1976 por qualquer trabalhador por conta de outrem não poderá sofrer aumento superior a 15 por cento, a menos que tal seja imposto por instrumento de regulamentação colectiva; nas empresas públicas, os níveis máximos serão fixados por portarias ministeriais; é proibida a fixação de acréscimos de remuneração diferidos para além de 31 de Dezembro de 1976; o montante global das prestações complementares da remuneração de base e de quaisquer outras prestações com expressão pecuniária atribuídos aos trabalhadores por contrato individual ou instrumento de regulamentação colectiva, não poderá exceder, em caso algum, 50 por cento da remuneração de base por eles efectivamente auferida; o somatório da remuneração de base e das restantes prestações não pode, em caso algum, exceder o valor da remuneração máxima nacional.

Curso de Parapsicologia

A Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa promove a realização, de 7 a 11 de Março próximo, no salão do Seminário de São Tiago com entrada pela rua D. Afonso Henriques, em Braga, de um Curso Intensivo de Parapsicologia ministrado pelo Dr. Oscar González Quevedo, S. J., director do Centro Latino-Americano de Parapsicologia.

A inscrição no referido Curso, apenas autorizada a maiores de 16 anos pode fazer-se na secretaria da Faculdade de Filosofia e na Livraria PAX durante as horas de funcionamento, nos dias úteis. Está prevista também a abertura de inscrições no próprio local em que decorre o Curso.

As conferências do Curso desenvolverão, entre outros, os assuntos seguintes: Hiperestesia directa — acuidade dos sentidos (cegos que podem «ver»); Hiperestesia indirecta do pensamento — visão através de corpos opacos (pessoas que «tocam» e «vêm»); Pantomné-

sia — memória do inconsciente (regressão na idade? Lembranças de existências anteriores?); Traumas e complexos — falar línguas desconhecidas — médium em Marte? — possessos do demónio? — aparição de espíritos?; Talento do inconsciente — Inspiração — Intuições — fraudes inconscientes — Inventos — comunicações do além; A faculdade psigama — testes científicos da «adivinhação» — viagens telepáticas; Percepção extra-sensorial — visão a distância?; O tempo e a percepção extra-sensorial — retrocognição — verdadeiras e falsas profecias; Profundezas do inconsciente — telepatia sobre o inconsciente excitado — haverá segredos insondáveis?; Sugestão telepática — Influência a distância — «aparições» de mortos.

Além da explanação científica destes temas, haverá demonstrações práticas e ilustrações com «slides».

O Curso está a despertar vivo interesse em toda a região.

Comentários

Se não acredita, acabe com ele, Sr. Ministro...

António Barreto, falando à F. Press referiu-se à situação em Portugal e disse que não haverá, no nosso país, mais expansão do sector público. «Não creio que o sector público venha a ser o mais dinâmico», afirmou Barreto. Anunciou a seguir um maior apoio às pequenas empresas em Portugal: «É necessário apolar as pequenas e médias empresas que são privadas na sua maioria, e empregam muitos mais trabalhadores do que

as empresas nacionalizadas, disse o ministro.

Por outro lado, e referindo-se aos investimentos públicos, Barreto admitiu um aumento em sectores como a energia, os transportes, o abastecimento de água e ainda as indústrias nacionalizadas do aço, do cimento e da pasta de papel.

Ora aqui temos uma confissão oficial acerca do sector público: não será o mais dinâmico... A gente já o sabia, mas é bom que se vá ouvindo essa verdade afirmada pelos nossos responsáveis.

Uma pergunta ocorre, no entanto: Se o sector público é preguiçoso, é o que quer dizer pouco dinâmico, para que o preferem ao particular?

Valha-nos ao menos a certeza de que não haverá mais expansão para o sector público em Portugal. Também era o que faltava, depois do caos, a que isso nos levou.

Itália: conflitos de trabalho deram prejuízo de 176 milhões de horas de trabalho...

Também lá: os conflitos de trabalho levam o país à ruína. Só em 76 perderam-se 176 milhões/hora, o equivalente a uma semana de greve geral.

É por isso que as cigarras de lá afundam cada vez mais o barco.

PCF: «Não» à ditadura do Proletariado...

Certos partidos comunistas europeus viram — ao menos em palavras — democratas. O Francês, p.e.

O Secretário Geral acaba de explicar em entrevista a «L'Humanité» porque abandonaram a noção de ditadura do proletariado. Disse que o seu partido abandonou a noção de ditadura do proletariado devido à sua vinculação à liberdade e à democracia. George Marchais lembrou que «o respeito e a extensão das liberdades individuais e colectivas, a pluralidade dos partidos, incluídos nestes os partidos de oposição e o respeito pelo sufrágio universal» caracteri-

zam o socialismo democrático que os comunistas querem ver em França.

Inquilinos contra aumento de rendas

Em conferência de imprensa, a A. dos Inquilinos Lisbonense disse:

«O Ministério da Habitação e Urbanismo já há tempo vem preparando a oportunidade de empreender a subida das rendas de casa com justificações inverosímeis, especialmente para um Governo com etiqueta socialista».

Mais anunciaram:

«Vamos lançar todo um conjunto de iniciativas das quais há a destacar as sessões de esclarecimento nos bairros e, se nos facilitarem o acesso, as exposições sobre o assunto na Rádio e na TV para esclarecer a opinião pública do escândalo que se está a processar em matéria habitacional».

FEPU ameaça com populares para obrigar a câmara de Lisboa a fazer-lhes a vontade...

A FEPU referiu-se à última reunião da câmara municipal de Lisboa nos seguintes termos:

«O sectarismo estralito, a prepotência e desinteresse pelo decorrer dos trabalhos não podem ser o estilo de actuação das forças políticas nos órgãos de poder local. É ainda mais surpreendente que essas práticas venham de elementos do P. S. que fazem parte da A. M.».

Para a Frente só a presença e a participação de populares nas futuras reuniões poderão levar as forças representadas na Assembleia Municipal de Lisboa a assumirem uma prática conforme com a Constituição, com os programas e promessas apresentadas ao povo de Lisboa durante a campanha eleitoral».

Matam-se pela ditadura... O povo não lhes deu votos e querem obrigar a câmara a obedecer-lhes... Daí, a ameaça, como no Gonçalvismo.

Esse tempo acabou, gente...

SUPERMERCADO DE TAPEÇARIAS DE BRAGA

Grande Stok:

Alcatifas em rolos, plásticos em peça,

Carpetes, Colchões, Almofadas e Maples.

Fios de lã, juta e linho para confecções.

ORÇAMENTOS:

Grande campanha de preços

Ao dispor de V. Ex.ª na

Avenida da Liberdade, 318-Telef. 25296-BRAGA

GRANDES CAMPANHAS SEMANAIS

GRANDE DESCONTO PARA O ARTIGO DA SEMANA



CONTRASTES

O Rito Bracarense

Período quaresmal

Em Maputo...

Em Maputo, capital de Moçambique foi detido Vasco Sousa Afonso, representante local do Banco do Fomento Nacional.

Apetece-nos perguntar como outrora o Dr. Bacelar, de Cervães, Barcelos, nos diários de Braga: Que diz a isto Victor Crespo, Melo Antunes, Costa Gomes, etc. etc. os tais da descolonização exemplar?

No Governo Socialista

Manuel Alegre disse, há pouco à TV que a estatização não foi um acto programado; foi o resultado inevitável das nacionalizações de Março de 1975.

Por seu lado o Programa de Governo afirmou que a estatização «corresponde a uma situação transitória e não a um fim em si».

Em que ficamos?

Para quê palavras em vez de factos?...

Que se passa

nas Forças Armadas?

Otelo presidiu a um jantar de cerca de sessenta oficiais — com maioria de capitães e maiores — nos últimos dias, e outrotanto, quanto a encontros e reuniões, tem acontecido com os oficiais afectos à «linha melantunista».

Como é?

A «reação» denunciada por esses oficiais terá, com estes factos, força moral?...

Cunhal falou verdade...

Alvaro Cunhal foi a Roma conversar com os seus colegas italianos. E, declarou, entre muitas coisas, esta: que «existem diferenças entre os comunistas portugueses e os de Itália, devido ao facto, disse, de o nosso país estar

«mais adiantado» na estrada do socialismo. Entendamos comunismo.

Alvaro Cunhal falou verdade:

— porque está mais próximo de Moscovo o Partido Comunista Português do que o Italiano;

— porque o Partido Comunista Português se sentou nos governos provisórios, e o Partido Comunista Italiano jamais, desde que a Itália entrou, verdadeiramente em democracia;

— porque o Partido Comunista Português tenta o poder pela violência e o Partido Comunista Italiano tenta-o pela «democracia»;

— porque o Partido Comunista Português, obviamente, criou um Estado seu, no Alentejo, e o Partido Comunista Italiano ainda, o não conseguiu na Itália.

Sem contrastes...

Alvaro Cunhal é um político que só vê para traz.

Foi dizer para a Itália, o que há três anos, diz em Portugal: falou das «amplas liberdades», da reforma agrária, do controlo aperiário e das nacionalizações.

E lá como cá: não disse que fora o seu Partido que levara o País à derrocada económica, à instabilidade política, e ao risco da perda da independência.

Entre o Presidente da República e o Governo

O Presidente da República na Mensagem de Ano Novo apontou as seguintes medidas para salvar o nosso pobre País: dar lugar à capacidade e à competência; obter a participação activa dos trabalhadores, relançar a produção, aumentar o trabalho, aceitar e praticar esquemas globais de austeridade, valorizar os que se esforçam e trabalham, acabar rapidamente com a nova casta de para-

sitas, por fim ao nivelamento pela mediocridade.

Isto disse o General Eanes. Que vemos?

Promessa e realidade

Autocoope é a abreviatura de uma Cooperativa de Taxis de Lisboa. Conta com perto de 800 membros e 150 motoristas.

Precisaram de financiamento e foram à banca.

Um dos responsáveis declarou recentemente para público: «As facilidades do Governo desiludem. Sentimos logo o problema quando arrancamos. Um Governo que se diz socialista devia apoiar-nos, além do mais, no campo do crédito e manda-nos com um juro de 12,5%. É mais alto do que o concedido a qualquer capitalista. Neste campo e até aqui não está a cumprir a constituição que prevê facilidades no tocante a financiamentos às cooperativas».

Se é verdade...

O Ministro da Justiça disse à TV no Porto, se bem o ouvimos, que só no mês de Janeiro entraram nos tribunais mais processos de divórcio do que em todo o ano de 1976...

Se é verdade, mal vai a sociedade portuguesa.

Nos países de Leste...

A revolta dos intelectuais...

Convém pensar na atitude corajosa de dissidentes nos países comunistas, que na revolta pública se expõe às represálias, que vão desde a prisão à deportação na Sibéria, e ao internamento em hospitais psiquiátricos.

Por isso alguns intelectuais, e de renome mundial, estão a ser perseguidos.

Na Rússia: Vladimir Albrecht, secretário de «Amnesty International», soviético; Vladimir Roubtsov, da família de Sakarov;; Andrei Tverdokhlebov; Alexandre Tinoview, do Instituto de Filosofia de Moscovo; Vladimir Voinovitch, romancista; Serge Paradjonov, o realizador de «Cavalos de Fogo».

Victor Fainberg, «refugiado» em Paris, declarou à imprensa que alguns intelectuais não querem abandonar a União Soviética para

não serem tidos como traidores para com o comunismo.

Na República Democrática Alemã: o artista Biermann, continuando comunista, não quer regressar ao seu País, porque não há liberdade.

Na Checoslováquia: Continua a provocar reacção do governo de Praga a «Carta 77», subscrita por mais de uma centena de intelectuais e artistas.

Na Hungria: Trinta e quatro intelectuais solidarizaram-se com os signatários da «Carta 77».

Lemos e não comentamos

Indecisão de Carter

anima russos a perseguir dissidentes?

De «O Globo», 5-3-77:

Moscovo (O Globo) — Ainda convalescendo de uma pneumonia, o poeta e escritor dissidente Alexandre Ginzburg, preso quinta-feira à noite e levado para Kaluga, a 150 km. de Moscovo, poderá morrer se não receber o tratamento necessário.

Esta observação foi feita ontem por dissidentes do grupo de vigilância ao cumprimento do acordo de Helsínquia, do qual Ginzburg faz parte. Arina, a mulher do poeta, seguiu ontem de manhã para Kaluga levando remédios, agasalhos e atestados médicos para tentar salvar o marido.

Fontes dissidentes disseram que a KGB (policia política) recusou-se a dizer os motivos da prisão do poeta, de 39 anos. Um membro da KGB, o Coronel Axenov, comentou apenas que «podem ser muitas» as acusações contra Ginzburg, e

que outras informações só poderiam ser obtidas em Kaluga, onde o preso tem registo de residência.

Ginzburg ficou conhecido no Ocidente por causa do livro que escreveu sobre o julgamento dos escritores Yuri Daniel e Andrei Sinyavsky, em 1966, e que lhe valeu uma pena de cinco anos de prisão. No ano passado, ele começou a participar ativamente da comissão organizada pelos dissidentes soviéticos para verificar o cumprimento no país das cláusulas do acordo de Helsínquia relativas aos direitos humanos.

Segundo Arina, Ginzburg saiu de casa quinta-feira, aproximadamente às 22 horas, para falar num telefone público. Como ele não voltou depois de quatro horas ela telefonou para a KGB, sabendo então que ele estava preso. Como ele recebeu alta hospitalar recentemente, continuando sob tratamento de pneumonia, e sofre de úlcera

desde que cumpriu pena de prisão, sua sorte agora provoca mais sérias preocupações.

Ontem ainda, informou-se que agentes da KGB estão vigiando o edifício onde mora Yuri Orlov, chefe da comissão da vigilância dos direitos humanos. Ele se ausentou de Moscovo há dois dias. No mês passado, tanto Orlov quanto Ginzburg tiveram suas casas revistadas pela KGB, que depois disse que a comissão é financiada por outros países e que encontrou moeda estrangeira nas casas revistadas.

Alguns dissidentes atribuem o recente aumento da repressão na União Soviética ao que classificam de «indecisão» por parte do novo Governo americano em relação ao problema dos direitos humanos nos países da Europa Oriental. Os dissidentes citam principalmente o facto de o Presidente Jimmy Carter ter desautorizado os termos da nota divulgada pelo Departamento de Estado defendendo o líder dissidente Andrei Sakharov. «Esta indecisão é um convite à opressão», comentou um dissidente.

Concórdia entre Portugueses?

(Continuação da 1.ª pág.)

Há verdadeiros marginais que, para salvarem o pêlo, para mamarem na jovem democracia, deixaram cargos cimeiros da A.N.P. e ofereceram-se para servir nas células da extrema esquerda.

E lá estão, fazendo levantamentos de pessoas «suspeitas» para agradarem aos novos patronos e serem perdoados nos serviços que prestaram, também como denunciadores do anterior regime.

Para quando o julgamento destes criminosos da Pátria, se já existem provas documentais das suas denúncias, do seu oportunismo?

em missões delicadas como as do ensino.

Temos de iniciar uma recuperação urgente da unidade portuguesa, mas nada será possível sem o julgamento dos patifes que semearam o ódio e a denúncia.

Enquanto não soar a hora da verdade, da justiça, da democracia são, todas as iniciativas de concórdia da família portuguesa resultarão em fracasso.

A corja dos denunciadores ainda está demasiado virulenta, porque sente, ainda, clima favorável às suas perfídias.

Todos desejam a concórdia, mas neste ideal não podem caber denunciadores, oportunistas ou traidores.

Bernardino Amândio

Vende-se

1 caldeira a Nafta, fabrico Alemão Henchels de 7 kilos de pressão, um secador rápido, para tubos ou bobinas, de Fonseca & Seabra; e 3 teares mecânicos largos de 2,20 de pente jacquards.



Philips Portuguesa, S.A.R.L.

O ano de 1977, que apenas dá os seus primeiros passos, é o ano em que a Philips Portuguesa perfaz 50 anos de existência no nosso País.

Se meio século da vida duma empresa é nada na perspectiva duma existência que se pretende possa ser várias vezes secular é, no entanto, um marco suficientemente forte para não deixar qualquer dúvida quanto à natureza do empreendimento.

Com efeito, a prova de que ele foi desprovido de intenções de oportunismo fica feita. O seu 50.º aniversário revela a firme determinação com que foi criado no sentido não duma vida efémera ao sabor de conveniências momentâneas mas numa perspectiva dum horizonte muito mais amplo, sem limites no tempo, capaz de enfrentar dificuldades e revezes, mas vocacionalmente orientado ao êxito sem o qual compromete a sua continuidade.

É com serena convicção que se deve assinalar o contributo que a Philips, nestes 50 anos, tem prestado ao nosso País, não só no campo comercial como também nos campos técnico, industrial, científico e social. Situados num sector de actividade primordialmente votado à melhoria da qualidade da Vida, a Philips em Portugal orgulha-se de ter podido levar conforto e bem-estar a milhares de lares portugueses.

A nossa trajectória de 50 anos, com todas as suas realizações, não teria sido possível sem o esforço, a dedicação, o apoio, a colaboração de todos aqueles que conosco viveram desde 1927. São clientes, são colaboradores, são os amigos que, todos juntos, fizemos os 50 anos da Philips em Portugal.

Recordamos com saudade e apreço aqueles que nos precederam. Lembramo-los com a tristeza da sua ausência mas com a grata inspiração que o seu exemplo constitui: com a firme determinação de poder não tanto celebrar os 50 anos decorridos mas o aproximar do 1.º ano dos nossos próximos 50 anos em Portugal.

A todos aqueles cuja colaboração tem honrado esta Casa e a fez digna do apreço do público, a todos aqueles que, por qualquer forma, têm contribuído para que a Philips celebre em 1977 os seus primeiros 50 anos em Portugal, a todos os Lares portugueses que, de uma forma ou outra, estejam vinculados à nossa Companhia, dirijo em meu nome pessoal e no de toda a Organização o mais profundo dos agradecimentos e os desejos, bem amigos, para que o Ano que apenas começou seja muito Feliz. Com muita saúde e muito trabalho. Com muita Paz e êxitos pessoais.

Com plena confiança no futuro do nosso País e no da Philips em Portugal, envio as mais cordiais saudações.

Dr. Orlando Morbey Rodrigues

(Administrador-Delegado)

Estamos gratos a Álvaro Cunhal...

(Continuação da 1.ª pág.)

E, de mais, tratando-se de camaradas...

Porque demorou o crédito norte-americano? ...

Com grande júbilo, e justificado, deu-se a notícia da concessão do crédito Norte-Americano de 300 milhões de dólares...

Porque a demora na concessão do mesmo?

O atraso não se deve à mudança de Ford por Carter, mas ao facto de o Governo de Washington haver exigido que as garantias portuguesas fossem caucionadas pelo ouro que resta.

Como será aplicado este crédito?

Vem 50 milhões por mês, e a concessão no mês seguinte é condicionada pela aplicação do empréstimo no mês anterior.

E o comentador económico do «Diário de Notícias» disse, há pouco, que as reservas de divisas mal chegam para um mês...

Retrato objectivo?

A. Gomes da Costa, em «O Mundo Português», de 11 de Fevereiro, dá este retrato do nosso País:

«Entretanto, as sequelas da trombose ideológica permanecem. Acima dos interesses nacionais, cada português pensa em si. A ideia do partido sobrepõe-se à ideia de Pátria. O sindicato a reclamar aumentos de salário passou a ser mais importante do que o Governo a exigir medidas de austeridade.

O povo empanturrrou-se do carisma socialista. Sem os Melos, os Espírito-Santo, o Vinhas, o Champalimaud e outros «exploradores», as riquezas sobriariam para todos. Não há porque subordinar a política salarial à produção. Nem temos porque nos preocupar com os desequilíbrios das empresas nacionalizadas. Isto é nosso, é do povo e dá pra todos viverem à tripa forra. Restrições ao consumo, carência de investimentos, melhoria da produtividade, disciplina laboral, equilíbrio orçamentário, etc. são ingredientes do antigo regime — e houve uma Revolução para acabar com isso!

Futuro de Macau...

Consta em Portugal e no Estrangeiro que apesar de os governos de Portugal quererem a «descolonização» de Macau, oferecendo-a à China, Pequim não a aceita e obriga-nos a cumprir as nossas obrigações.

Se a Indonésia fizesse o mesmo, Timor ainda era português, mesmo contra vontade dos governantes.

A esquerda prepara o futuro...

O Partido Comunista Português, o Movimento Democrático Português/CDE e a Frente Socialista Popular constituíram uma frente de partidos com estes objectivos: apresentação de listas conjuntas nas eleições, quando assim o entenderem, e a preparação e participação nas autarquias locais, cultural e política.

Apesar do Socialismo político...

A empresa proprietária do diário «O Dia» vai transformar-se em sociedade anónima, com aumento de capital, e desta maneira a cooperativa constituída pelo quadro redactorial ficará em minoria.

Pelo visto a saída de Vitorino Nemésio foi útil à empresa.

TRIBUNA LIVRE

(Continuação da 3.ª pág.)

Até consta que, lá para Março, a semente... será oferecida à roça... pois quem pode comê-la, tão cara?

6. Convém rectificar a nótula referente ao efeito do letreiro afixado. Depois da porta e 2 calxilhos

de janela, simples, assentes, exigem-se 12 contos, perante a reacção, abateu 2 contos e o proprietário pagou 10 contos, mas, para desabafar, teve a luminosa ideia de afixar então um letreiro na sua parede — o que provocou comentários... mas poucas horas depois apareceu mais um desconto de

3500\$00 — alegando engano... pelo que ficou então liquidado por 6500\$00. Ao que vimos há necessidade de muitos letreiros...

Até à porta de um cabeleireiro, de Cantanhede, que em vez de 150\$00 a 200\$00... levou 430\$00... por ser ao domingo, talvez!... Ciganos ou quês?

Só a URSS poderá «salvar» Portugal, como muitos desejam?!

(Conclusão)

II

No anterior artigo ficou aberta a pergunta sobre quem tem pago e continua pagando as consequências da incompetência ruínosa do «gonçalvismo», que afundou este País no desespero.

Proseguindo, porque tudo (?) veio de lá, do «gonçalvismo», e a exploração do homem pelo homem é evidente, é caso para se perguntar também se cá há respeito pelos «Direitos do Homem»?

Devido ao abominável estado moral a que tudo chegou, nem a Justiça ficou incólume!

São mal tratados e, até, injuriados, os magistrados e outras autoridades cujo respeito, a eles, é mais teórico do que prático.

Exigem-se punições especiais (que só seriam a contento se improvisadas por facínoras) e exige-se liberdade para grandes criminosos tudo dependendo de ideologias!

Em tudo impera a força demagógica, impune!

Os «trabalhadores» não trabalham nem disso precisam porque, não trabalhando, dispõem de mais tempo para desbaratar a brutalidade dos ordenados ou salários que recebem!

Os portugueses, «grosso modo», estão divididos em duas classes: os que trabalham, de verdade, e que só Deus sabe das dificuldades com que vivem. E os que não produzem e que muito gastam e, com tão elevado poder de compra (à custa dos contribuintes — de que poucos, dos bem pagos, fazem parte) que dificultam a compra aos primeiros.

O Estado foi tão empobrecido (e cada vez mais com a megalomania da magnanimidade para com os estrangeiros, em que se incluem os esbanjamentos em viagens de cujos resultados não se vêem relatórios minuciosos) — estou a lembrar-me das ajudas (?) a ex-colónias — que já só se vai aguentando «isto» à força de dívidas contraídas, o que significa caminhar para a insolvência se o «glaciar» não parar!

Porque os portugueses continuam vivendo em classes de degradante desigualdade não estranhemos que surjam efervescências difíceis de conter pela persuasão moral.

E agora:

Existirá, no que ainda resta deste País, algum poder que subtraia ou mutile, sequer, algumas das «liberdades democráticas conquistadas» pela libertinagem, obrigando, p. ex., os ociosos a trabalhar e a produzirem como antes do «25 de Abril» se produzia?

Haverá quem possa impor mais horas de trabalho aos pseudo-trabalhadores (e nem só a estes)? Poderemos ter um Governo

exclusivamente português que consiga fazer uma revisão geral de ordenados e salários, de cima para baixo (a começar mesmo pelos governantes, como exemplo) para estabelecer uma equiparação moral (por isso justa) fazendo baixar o desnivelamento ao ponto de os cofres do Estado, sem desnudarem os verdadeiros trabalhadores e contribuintes modestos e desfavorecidos, para que todos os portugueses possam ter igual capacidade de aquisição dos bens de consumo corrente, indispensáveis a uma vida razoável, repito ao ponto de os cofres do Estado poderem começar a encher-se mediante boa administração sem prejuízo da justiça que deve caber a todos os portugueses, em pé de igualdade?

Se até agora não foi possível parar a avalanche, de potencial gigantesco, quem saberá e poderá fazê-lo?

Porque raríssimos serão os que estiverem dispostos a qualquer cédência de benefícios conquistados ou oferecidos, só uma ditadura!

Das «direitas» nunca será. Nem em sonhos! O potencial aguerrido está nas esquerdas, que não acel-

tarão ser esbuhadas de um mínimo das suas regalias! Mas aceitarão uma ditadura (aliás, ansiada!) do proletariado, comandada do exterior.

Ela virá inexoravelmente por imposição do colapso económico-financeiro, para o que a Intersindical trabalha com as suas imposições. E nem só ela!

Oxalá eu esteja enganado nos meus prognósticos.

Depois... só uma potência estrangeira, por isso sem dó nem piedade, a zuzir os portugueses, de azorrague em punho, a meter-nos, como rebanho, no seu curral socialista-marxista, cuja «democracia» «Chico da CUF» descreve no seu livro «26 Anos na União Soviética»!

E a Sibéria será lugar «ideal» para os ociosos irem continuar a passar «férias» e para «deliciar» os recalcitrantes! Mais ainda, baixará imenso a percentagem dos favorecidos com elevadas remunerações e dos instalados em altos cargos!

E então dir-se-á, com propriedade: «E tudo o vento levou!»

ZÉ PACÓVIO

O impossível acontece...

(Continuação da 3.ª pág.)

ção à orientação de Moscou. Sobre o sistema repressivo na União Soviética, Vagin disse que ele não difere muito do que existia no tempo de Stalin. Já Amalrik acha que, ao contrário, a situação agora é melhor, pois a URSS «precisa do apoio ocidental para manter o status».

Nada de foguetes, gente...

Val por aí uma euforia dos diábolos a propósito da entrada de Portugal no Mercado Comum. Dá-se a coisa como certa apesar das dificuldades a vencer. A maior — e intranponível de imediato... — é a precária situação económica, em que nos afundaram.

A julgar pela hesitação em tomar medidas corajosas e drásticas, fica-se com a impressão de que o governo não está muito convencido disso. No entanto, os estrangeiros gritam-no à boca cheia. Ainda agora a comissão consultiva da associação Europeia de Comércio Livre (EFTA) o declarou com ênfase:

Segundo o comunicado final, a assembleia «reconheceu que a situação em Portugal é particularmente difícil, exigindo uma atenção especial».

Justiça de funil...

De «Voz do Sado», 15-2-77.

«Na cantina escolar da nossa vila, enquanto crianças da Escola

do Ciclo Preparatório, filhas de pais com razoáveis recursos económicos almoçam gratuitamente, há crianças das Escolas Primárias, filhas de «retornados» e de outros com precários e insuficientes recursos que se quiserem almoçar, (não querem, porque não podem) têm de pagar dez escudos (10\$00).

Assim, há crianças das escolas primárias que não almoçam ou têm uma alimentação insuficiente.

É assim que se quer construir uma sociedade mais justa? Pobre justiça, em teu nome, quantas injustiças se estão cometendo!

Andem lá: não tenham juízo e depois queixem-se...

Só porque os pessedistas venceram por larga margem nos Açores, certa imprensa de cá perde a cabeça desaustinada e explosiva. Até já falou de invasão imediata.

Souto Cruz, no regresso daquele arquipélago, desmentiu em absoluto a atoarda:

«Nunca estive no espírito do Governo qualquer intervenção desse tipo, nem a situação o justifica, disse».

Estes senhores não conhecem a história. Foi Lisboa que afastou o Brasil a quando da independência. Querem, agora, provocar o afastamento dos Açores?

Curioso é ver, no entanto, a sanha com que se ouve afirmar, público e raso: «Os Açores são portugueses. Ali é Portugal».

O Zé, ouviste esta música anos a fio, não ouviste? E são os mesmos que ontem — e ainda hoje — afirmam que o ultramar tem o direito de escolher livremente o seu destino — e tem, sem qualquer dúvida... — são esses que negam tal direito aos Açores.

Eles não querem deixar de ser portugueses, gente, mas não os macem, sobretudo não os obriguem a ter de escolher entre comunismo e liberdade...

Pela Imprensa

Trancreveram locais nossas «Defesa», «Comércio de Gondomar», e «Comércio de Gaia».

Gratos pela atenção.

Lavrador, isto é contigo

Lavrador abate gado criminosamente

Porque se paga muito bem o gado desde meses atrás, os lavradores, arrastados pelo espírito de lucro, abateram sem tino e sem senso as reses, nelas incluindo as fêmeas, assim obstando à recria.

Em números, o fenómeno é este: importaram-se 23.700 t. em 75 e prevê-se que tenham sido importadas 55.000 em 76.

O que isto significa de gasto de divisas é uma dor de cabeça.

Com o fim de aliciar os interessados para a recuperação do gado, consagrando-lhes as terras de solos de baixa produtividade, o conselho de ministros acaba de por à disposição da lavoura um crédito de 600.000 contos para forragens, construções, etc. e 400.000 para aquisição de gado bovino e ovino.

Lavrador, Portugal precisa de ti. A partir de agora é esta a tua batalha.

Quanto produzimos em 76?

Segundo as estatísticas oficiais:

Produção de milho: distrito do Porto com 77 293 toneladas (a maior

ladas — Porto). O distrito de Braga surge em segundo lugar com 4 836 toneladas.

Batata por distrito: Vila Real — 125 357 toneladas; Braga — 72 503 toneladas; Porto — 118 129 toneladas; Bragança — 45 855 toneladas e Viana do Castelo — 124 018 toneladas.

A maior produção de cebola no Continente, verificou-se no distrito do Porto — 16 650,1 toneladas.

Produção de vinhos por distrito: Vila Real — 902 796 HI; Porto — 769 671 HI; Braga 593 200 HI; Viana do Castelo — 318 640 HI; e Bragança — 174 460 HI.

Da produção do azeite destaca-se: Distrito de Bragança: 32 637 HI e distrito de Vila Real. 14 770 HI.

BATATA DE SEMENTE

ESTRANGEIRAS E NACIONAIS

Para entrega imediata Descontos a Grêmios e Revendedores

Rodrigo da Costa Gomes Lda.

Rue D. Frei-Caetano Brandão, 15 Telefone 225 57 BRAGA

ARRAN-BANNER • ARRAN-CONSUL • BINTJE
DESIRÉE • KENNEBEC • RED-PONTIAC

DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS

A revolução de 25 de Abril

vista por um escritor francês

Jacques Fremoutier publicou recentemente um livro que intitulou «Portugal os pontos nos li».

O esquema do livre é este:

I — a luta pelo controle das Forças Armadas.

O M.F.A. autoproclamou-se o movimento de libertação do povo português. Mas quem era o M.F.A.? O Vasco Gonçalves, o Melo Antunes, o Otelo? Ou era o Spínola, o Fabião, o Pires Veloso?

Ou ainda o Costa Gomes e o Major Tomé?

II — a luta pelo governo.

Sets governos provisórios constituíram-se e caíram. Dezenas de partidos foram criados. Tivemos dois presidentes da República em dois anos e três Primeiros-Ministros. Com essa instabilidade e turbulência onde estavam os centros de decisão?

III — a luta pelo poder local.

Pelo megafone, o Varela Gomes dizia aos 20 camponeses de Terroso: «tendes maus caminhos, não há esgotos, não há água corrente...

Uma escola sem fechaduras. Escolhei 3 homens de confiança. Nada de gente comprometida com a Legião Portuguesa. «E era assim que se fechava o cerco, de distrito em distrito, de concelho em concelho, de freguesia em freguesia.

IV — a luta pelos aparelhos ideológicos.

Os jornais foram tomados, a informação manipulada, a Igreja rendida — e de manhã à noite, o País era inundado de manifestos, de cartazes, de propaganda, de mesas-redondas, de debates, fazia-se a lavagem dos cérebros.

V — a luta pelo controle das empresas.

A unidade sindical, os plenários, os esbulhos, as nacionalizações, os saneamentos, o controle operário de base, a autogestão — como era possível evitar a tragédia económica?

VI — a luta pela terra.

Ocupações e assaltos à propriedade. O Alentejo em chamas. As razias da reforma agrária. O Lopes Cardoso a enterrar dinheiro...

A Família de "O Cávado"

Uma bela carta

Acaba de nos chegar a seguinte carta, que muito e muito nos sensibilizou. Omitimos o nome do signatário, pois não lhe pedimos autorização para a publicar.

Generosamente, envia-nos diversos nomes para envio do jornal. Eis a carta.

«... Se acho que vale a pena assiná-lo?

Nem se pergunta. Sempre lido de fio a pavio nesta Casa e sempre esperado com todo o interesse. Valeu a pena a sua criação e posto de pé para vir até à nossa beira repleto das mais escolhidas, imparciais, incisivas, notícias, aliás ditas sem medo, patrióticas e com toda a isenção. Em «O Cávado» o preto é preto, o branco é branco. Em minha opinião, admirável tam-

bém por abordar um pouco de tudo, desde a política à religião, do sector Agro-Pecuário ao Ensino, Indústria e às complexas questões do mundo laboral. Em síntese, informa sobre os pontos fulcrais da vida do País e com que vivacidade e exactidão de comunicabilidade... Bem hajam por isso, aproveitando o ensejo para felicitar toda a equipa do V/jornal».

Segue a assinatura.

Gratíssimos pela extrema bondade, aqui lhe deixamos o nosso «Bem haja!»

E, como esta nos ocupou muito espaço, deixamos para a próxima a publicação dos nomes dos srs. assinantes que pagaram a assinatura.

Ao fechar da página

Portugal e a Comunidade Económica Europeia

O Presidente de Ministros, Mário Soares, andou em viagem pelas capitais dos países membros da Comunidade Económica Europeia, a ver se consegue que Portugal seja admitido naquele organismo.

Quais as vantagens da entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia?

Para além das vantagens de natureza política, há a assinalar as vantagens de natureza económica.

Abriam-se as alfândegas aos produtos nacionais sem os impostos que pedem onerar demasiado as nossas encomendas, e teríamos mercado avantajado, porque ainda produzimos menos caro do que nos países do Mercado Comum.

É certo que já temos vantagens preferenciais. Mas são favores.

Por essa mesma razão, os produtos estrangeiros não teriam vantagens entre nós, dizem alguns. Isto na indústria. Na agricultura o caso é diferente.

Portugal poucas coisas pode exportar. A indústria, porém, teria, aí, um estímulo e uma garantia.

Por essas razões — políticas e económicas — é que os partidos portugueses, considerados democráticos — Partido Socialista, Partido Social Democrático, Centro Democrático Social — apoiaram o pedido de ingresso de Portugal na Comunidade Económica Europeia.

Os partidos da esquerda — o Partido Comunista e a U.D.P. — votaram, na Assembleia contra o pedido de adesão.

Neste sentido é que vemos a ida de Álvaro Cunhal a Roma conferenciar com os seus colegas italianos.

O Partido Comunista Português é um satélite de Moscovo, o que não acontece, inteiramente, com o Partido Comunista Italiano. Este, desde o tempo do seu grande construtor, Togliatti, defendeu o comunismo, sim, mas moldado às exigências nacionais, o que não acontece com o Partido Comunista Português, que quer amoldar Portugal às exigências da União Soviética.

Ora esta, que já tem na sua órbita a Guiné, (ex-portuguesa), Angola e Moçambique, quer Portugal a jogar os Intentos Imperialistas de Moscovo.

E o imperialismo soviético sobre a chamada Europa livre passa pela Península Ibérica, onde já lançou a sua estratégia.

— Em Espanha, porque o clima político e sentimental não é favorável à aceitação do comunismo ortodoxo, isto é, de Moscovo, lançou o «eurocomunismo» que Santiago Carillo defende com Marchais, francês, e Berlinguer, italiano;

— em Portugal, não precisou de se camuflar, porque Álvaro Cunhal está ao serviço de Moscovo.

Convém, pois, à União Soviética que se retarde este problema internacional português — a aceitação do pedido de Portugal para entrar na Comunidade Económica Europeia — a fim de dar tempo a manobrar em Espanha, a ver como ficam, politicamente, os comunistas, quer no plano da oficialização do partido quer no plano da reacção eleitoral.

Álvaro Cunhal sabe-o muito bem. E como não tem possibilidades de ser ouvido em qualquer outro País da Comunidade Económica Europeia, incluindo a própria França, volta-se para a Itália, onde o Governo está dependente da votação do Partido Comunista quanto à estabilidade.

Ora a aceitação do pedido de entrada de qualquer País na Comunidade Europeia só pode verificar-se com a unanimidade de todos os seus membros.

O conceito democrático da maioria não entra na democratíssima Comunidade Económica Europeia.

E o Governo Italiano não precisa de que o Partido Comunista lhe ponha o problema, e este sabe-o, visto que as dificuldades económicas e financeiras, que a Nação atravessa, lhe ditarão essa atitude, que só por casualidade olvidará.

Bem sabemos, que a Democracia Cristã é quem governa, e também sabemos que na reunião das Democracias — Cristãs Europeias, efectuada recentemente em Madrid, o Presidente do Centro Democrático Social Português obteve a colaboração dos partidos irmãos em ordem a patrocinarem o pedido de Portugal.

Estamos convencidos de que Álvaro Cunhal quis dar a resposta em Roma a Freitas do Amaral, e a Mário Soares.

Oxalá Portugal tenha êxito. Mas duvidamos, por várias razões:

1. Será difícil obter a unanimidade de todos os membros para a aceitação de pleno direito, que Medeiros Ferreira defendeu, há dias, à TV;
2. Não estamos em condições financeiras — a C.E.E. é credora nossa — para podermos defender acaloradamente a nossa posição;
3. para as Sociais-Democracias, ricas, Portugal ainda não afastou o perigo da «maioria da esquerda»; e
4. Para todos, um comparsa pobre não interessa, para já, em pleno direito.

O interesse político, que Medeiros Ferreira defende com tanto ênfase, vai pesar para não dizer um NÃO sonoro e optar por um SIM reservado?

Aguardemos.

JULIO VAZ

O "Bombeiro visto pelas crianças"

Concurso de pintura e desenho dos Bombeiros Voluntários de Braga

Aberto aos alunos da 1.ª fase do Ciclo Elementar, 1.ª categoria; aos da 2.ª fase, 2.ª categoria e aos

do Ciclo Complementar, 3.ª, podem concorrer todos os alunos com inteira liberdade de interpretação do tema.

Os trabalhos serão remetidos pelas direcções das Escolas à Direcção Escolar de Braga até 26 de Fevereiro.

Os autores identificam-se com

o nome completo, ano e classe, a que pertencem, escola, de que fazem parte.

Um júri decidirá acerca dos prémios a atribuir, mas os trabalhos serão todos expostos.

Para mais indicações dirigir-se aos Bombeiros Voluntários de Braga.

Novidade científica

Para as futuras mães

depois da operação, voltam a ser depositados no seio materno.

Uma equipa de cirurgiões australianos, com residência em Sidney declara que tem operado fetos com menos de cinco meses, os quais,

Os cirurgiões garantem que estes métodos de cirurgia pré-natal permitirão, de futuro, corrigir as anormalidades dos fetos.

O Cávado

Director:

Eng.º Armando António Correia

Proprietário:

Dr. José Bernardino Amândio

Coordenador:

Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz

Redacção e Administração: Rua dos Chãos, 90-2.º Trás — Telef. 25284/27065/27066 (p. f.) — BRAGA

Composto e impresso na Livraria Editora Pax — Rua do Souto, 75 — BRAGA